

NATAŠA DRAGNIĆ

Cada dia, cada hora

Tradução de Pedro Garcia Rosado

1

Luka olha para o mundo com um grito manso e hesitante, e fica completamente imóvel quando a água lhe salpica a pele. Estamos em 1959, em Makarska, uma pequena e sossegada cidade portuária na Croácia. A parteira Anka, que é, ao mesmo tempo, vizinha da família e que por isso não perdeu tempo a acorrer ao grito de pânico do futuro pai, verifica três vezes se tudo está bem e pensa: “Que criança tão especial.” Abana suavemente a cabeça. Que virá a ser dele, que está tão sossegado e pensativo, como se tivesse oitenta anos e já tivesse visto o mundo todo? E, no entanto, é tão cego como um gatinho recém-nascido. Antica, a mãe de Luka, sempre exausta, pergunta, preocupada, se está tudo bem com o filho e por que motivo ele não está a chorar. A parteira acalma-se e responde à mãe – com quem esteve a beber litros de café turco muito forte – que está tudo bem e que ela deve repousar e tentar dormir e arranjar forças para depois cuidar do seu menino, que vai ser um grande homem e do qual ainda hão de ouvir falar. A mãe pergunta por ele. Quer pegar no bebé. Chama-se Luka, diz, orgulhosa mas um pouco envergonhada. A parteira já sabe e faz que sim com a cabeça, toda a gente vê logo que é um verdadeiro Luka, e deposita nos braços da mãe a criança silenciosa, cujos olhos já se abriram, como janelas de onde se pode ver o mundo todo. “Mas é um gatinho cego”, pensa, mais uma vez. E agora dormem os dois. Mãe e filho. É um dia quente de novembro. Sem vento, sereno. Um inverno que não é inverno.

*

Luka tem três anos. O pai, Zoran, leva-o à pesca pela primeira vez. Tem um pequeno barco que Luka diz ser seu. Zoran ri-se e pisca o olho à mãe de Luka. E ela também se ri. O pai pega na mão do filho, e os dois encaminham-se para o porto. Luka agarra na mão do pai com a sua mão direita, com muita força. Na esquerda leva uma pequena bolsa com alguns lápis de cor e um livro para colorir. Luka gosta muito de pintar e de desenhar. E não vai a lado nenhum sem a sua bolsa. Hoje, no entanto, quer é ir pescar. E pintar, também. Pelo caminho, encontram muita gente conhecida. Na Praça Kačić, todos os cumprimentam, todos os conhecem, sorriem para Luka, perguntando-lhe que planos tem para esse dia. Luka mal consegue falar, de tão orgulhoso que está. “Pescar”, diz, muito alto, e esconde a bolsa atrás das costas. As pessoas riem. Algumas admiram-se e acham exagerado que um menino tão pequeno vá à pesca, não pode ser, devia ser proibido. Luka oscila entre o medo de o poderem mesmo proibir de subir ao barco e a indignação de que alguém ouse pôr assim em dúvida a decisão do pai. Que faz uma cara muito séria, apertando a mão suada de Luka: está tudo bem, nem vale a pensar no assunto. Continuam a andar pela avenida marginal, a Riva, onde Luka se detém a olhar para o mar. Saúda cada um dos peixes com um grito silencioso. Dirigem-se depois para o barco. O trajeto não é longo para o pai, mas, já quanto ao menino de três anos, exige-lhe um grande esforço. A mão esquerda já lhe dói. A bolsa é pesada. Tantos lápis que lá tem dentro! O barco baloiça tranquilamente entre muitos outros, pequenos como ele. MA38. A matrícula a vermelho. Quase todos os barcos são brancos com uma risca azul-escura à volta. Ou, então, são completamente brancos. Luka já consegue reconhecer o barco do pai. Já esteve milhões de vezes lá dentro. Ou talvez mais. Mas nunca tinha ido à pesca. Luka adora o mar, e o barco acima de tudo. “Quando for grande, quero ser marinheiro”, costuma dizer. Ou pescador. O pai sobe a bordo com agilidade. Pega em Luka, erguendo-o no ar, por cima da água, e põe-no também lá dentro. Apesar de não ser grande, o barco tem uma cabina. Luka senta-se. Fica a ver o pai guiar o barco para fora do porto. Luka quer mesmo vir a ser como ele. O barco dirige-se para o alto mar. Por entre as penínsulas de Sveti Petar e de Osejava. Quando chegam onde o mar é mais profundo, de onde

consegue sempre ver as pedras que restaram da capela de Sveti Petar – foi o tremor de terra, e foi horrível, toda a casa estremeceu, a mamã começou a chorar e o papá levou-os a todos para a cave, e a casa nunca mais acabava de tremer, por muito mais tempo do que Luka imaginava, e ele teve medo, muito medo e acabaram todos por adormecer e ficaram todos bem, com exceção dos seus animais de peluche, que ficaram misturados, porque o papá tratou de tudo –, o pai desliga o motor. E o barco fica imóvel. “Como se chama a ilha lá ao fundo?”, pergunta Zoran. Luka gosta deste jogo. E é bom a responder. “Brač”, diz. A voz treme-lhe, no entanto, apesar de ter a certeza do que está a dizer. “Muito bem. E aquela?” Luka responde rapidamente: “Far”. O pai sorri. “Está quase certo. É Hvar que se chama. Mas é uma palavra difícil, também a mim, muitas vezes, me custa pronunciar-la.” Luka fica apreensivo. Espera não ter estragado o jogo. O pai pega na cana de pesca. Portanto, está tudo bem. Luka engole em seco várias vezes, devido à excitação. Inclina-se sobre a borda e procura os peixes. Chama-os, devem apressar-se e estar prontos, ele está prestes a apanhá-los. Mergulha a mão na água. “Aqui, aqui, peixinhos”, sussurra. Depois levanta a cabeça e procura o olhar do pai. “Este é o dia mais bonito da minha vida”, pensa Luka, e fecha os olhos. Os habitantes das profundezas vêm mordiscar-lhe os dedos.

Enquanto Luka, com a mão, desafia os peixes do mar, Dora olha para o mundo e dá um grito tão estridente que a parteira Anka até se ri. Estamos em 1962, na sala de partos do mosteiro dos franciscanos. “Que rapariga tão forte e tão cheia de genica”, diz Anka. A mãe, Helena, está exausta e nem consegue falar. Nem sorrir. Só pensa que, finalmente, acabou. A primeira e a última criança, decide. Fecha os olhos e adormece. A capacidade de resistência demonstrada por Dora não a incomoda. A parteira maravilha-se com a força do pequeno ser. E contempla-a, amorosamente. Acaricia-lhe a pequena cabeça e o corpinho trémulo. A parteira já é velha – de qualquer modo, a comparação com este ser de quem cuida torna velhas todas as pessoas – e tem muita experiência. Já perdeu a conta ao número de crianças que

ajudou a nascer. Observou-as sempre a todas, com muita atenção. Mas, agora, esta rapariga! Que, incansável, emite gritos ensurdecedores, diretos ao seu coração. Sem falhar a pontaria. Sem hesitações. A parteira deixa as lágrimas correrem suavemente pelo rosto. Não tem filhos. Nunca se casou. O noivo morreu na guerra. Abatido a tiro pelos italianos. Depois disso, nunca mais teve um homem na sua vida. Era assim, nessa altura. E agora, após o grande tremor de terra de janeiro, que só lhe deixou de pé a parede do lado ocidental da sua pequena casa, tem de morar em casa da irmã mais nova e de suportar o marido dela, que se embriaga com frequência e que gosta muito de dizer piadas sobre o facto de Anka estar só. Dobrando o dedo indicador, acaricia a boca pequena e circular da menina. Surpreendida e distraída pelo toque, os olhos quase cegos da bebé procuram os da parteira e fixam-se neles. Vai chamar-se Dora, já toda a gente sabe.

Dora tem dois anos e é uma criança cheia de vida. A mãe diz que ela é frenética. Mas Dora não o percebe e é-lhe indiferente. E a mãe ri-se e o pai põe-na às cavalitas e desata a correr, às voltas, como se fosse o seu cavalinho. “Dora ri-se e a cidade inteira estremece”, diz a mãe. Aos dois anos, Dora já fala como nenhuma outra criança consegue falar. Como se já tivesse cinco anos. “E também percebe tudo”, esclarece a mãe, com uma ponta de orgulho. Dora é insaciável. Quer mexer em tudo, ver tudo, ir a todo o lado. Na rua, na Kalalarga, na Riva ou na Praça Kačić, grita sempre qualquer coisa às pessoas que passam apressadamente, e há quem se esqueça da pressa que tem e pare, a sorrir, sem saber bem o que fazer ou admirando-se, e até há quem a cumprimente ou lhe responda. Dora segura-se bem nas pernas, nunca cai, nunca choca contra ninguém, e limita-se a correr velozmente. Tem passadas longas e singulares, muitas vezes cómicas aos olhos de quem a observa. E não salta. Desce de um muro dando um passo para o vazio. “Não tens medo?”, pergunta-lhe a mãe. Dora esquiva-se aos olhos dela e não responde. E não salta.

Luka tem cinco anos e, agora, tem uma irmã. Chama-se Ana, é minúscula e chora muito, e a mãe até tem dificuldade em aguentar-se nas pernas, enquanto o pai trabalha mais do que já trabalhava e Luka o vê cada vez menos, continuando a desenhar e a pintar, o que todos acham espantoso, dando origem a uma grande coleção de desenhos e pinturas penduradas por toda a casa. Frequenta o jardim de infância, apesar de a mãe não trabalhar, e os outros rapazes são muitas vezes maus para ele, o que o faz ir refugiar-se na casa de banho, onde fica a chorar e a pintar, longe da vista dos outros e, também, da tia Vera, que se ocupa de todas as crianças, mas que gosta especialmente dele. Faz-lhe, com frequência, uma festa na cabeça, oferece-lhe um sorriso afetuoso e pisca-lhe o olho e lê muitas vezes a história de que ele mais gosta, apesar de as outras crianças, protestarem, aos gritos, por acharem a história longa e já saberem o final. Aliás, Luka até desejava poder passar o dia todo no jardim de infância e não ter de ir outra vez para casa, onde a parva da irmã chora, a mamã está cansada e o papá não se encontra e, quando está, repreende-o cada vez mais, mesmo quando parece mais reprimido ou nem sequer o vê. Por isso, Luka sente-se infeliz e deseja que tudo volte a ser como era, quando o pai ainda o levava a pescar e a passear de barco e ele podia desenhar e apanhar os peixes e o pai lhe fazia perguntas divertidas mas às vezes difíceis como, por exemplo: se uma vaca branca dá leite branco, que tipo de leite dará uma vaca preta? Não era uma pergunta nada fácil, apesar de ele saber todas as respostas. E muitas vezes passaram assim o tempo até ao anoitecer, divertindo-se sempre juntos.

Dora percebe. A mãe fala com clareza e durante muito tempo e está triste e Dora compreende o que se passa. Mas Dora não fica triste porque já sabe, com dois anos, que tem de ir três vezes por semana para o jardim de infância, porque a mamã tem de ir trabalhar outra vez e Dora não tem avós por perto. Os avós vivem longe, muito longe. Mas Dora já os visitou várias vezes. Numa cidade grande. “A capital, pura e simplesmente”, diz a mamã; mas o papá zanga-se e corrige-a: “Belgrado é a capital, Zagreb é só uma cidade grande.” Em Belgrado

vive também o Presidente. A mamã murmura qualquer coisa, só para si própria. Dora vê que ela não está satisfeita. E não é por causa do Presidente, de quem todos gostam e que está sempre rodeado de crianças e de flores. Por isso, quando está sozinha com a mamã, Dora diz-lhe: “Vamos visitar a avó e o avô à capital.” E a mama sorri e olha em redor, num movimento rápido. Zagreb. Têm de levar o carro para lá poderem chegar. É uma viagem tão comprida que, muitas vezes, Dora acaba por adormecer. Dora lembra-se de tudo. A sua cabeça está cheia de imagens, que têm cheiro, que falam e que, por vezes, até têm gosto. E ela consegue transformá-las todas em palavras. “A rapariga tem uma memória!”, exclama a mãe, que mal acredita no que ouve. “Como um elefante”, diz o pai, maravilhado. Uma criança extraordinária, pensam ambos, mas sem o dizerem. Dora também não pensa nisso. Põe-se muitas vezes diante do espelho a olhar para si própria, vê a sua face que muda muito rapidamente, como se tivesse centenas de faces diferentes, e isso agrada-lhe. É como ela é. É tudo o que ela é. E fica satisfeita por ir conhecer as outras crianças do jardim de infância, que ainda não conhece. E os brinquedos. Não tem medo. “Para a Dora, a vida é uma grande aventura”, diz a mãe, com frequência, arqueando as sobrancelhas, o que a faz engraçada e põe Dora a rir-se. E o papá lê o jornal.

Luka vê a menina nova, que acabou de chegar. De cabelo negro, comprido e ondulado. E lustroso. Como as escamas de um peixe. É pequena, magra e veloz e mais nova do que todas as outras crianças do jardim de infância, e ele não consegue tirar os olhos dela. A mãe da menina leva-lhe a pasta, que tem riscas azuis e brancas. E um grande peixe amarelo no centro. A pasta agrada a Luka. Apesar de não conseguir identificar o peixe. Luka tem uma mochila preta, que não pôde escolher e que até já cortou com a tesoura, para ver se conseguia arranjar uma nova. Mas o único resultado foi a mochila passar a ter um aspeto ainda pior. E agora a mochila já não é só feia, está também estragada. É por isso que Luka a mete num saco de plástico e traz sempre o saco consigo. E ninguém repara. Se ao menos tivesse uma pasta bonita como a da menina! Já se imagina a andar com a sua

superpasta, com os seus lápis de cor e os seus livros de colorir, admirado e invejado por todos. A atravessar, orgulhoso, a Praça Kačić, caminhando vagarosamente pela Marineta, onde toda a gente se junta, para o verem e à sua nova superpasta. Ninguém consegue tirar os olhos dele! Talvez com isso a mamã pudesse voltar a sorrir e a dar um beijo ao papá, como dantes, quando dizia baixinho o nome do papá – Zoran, Zoran, Zoran; Luka ainda o ouve na sua memória – e o papá ria-se, feliz, e levava-o a pescar. Sim, de certeza que o faria e lhe atiraria com as perguntas mais, difíceis como, por exemplo, se a mamã e o papá forem brancos e tiverem um filho em África, qual será a cor da pele dele? Esta é uma pergunta difícil, mas não faz mal, porque Luka conhece todas as respostas. Porém, se tivesse uma pasta daquelas! Como a nova menina. Não consegue tirar os olhos dela!

Dora entra no jardim de infância cheia de expectativas e olha em redor. Um menino mais velho está junto à prateleira dos livros, observa-a. Dora não se importa. Tira o casaco. Não quer que a mamã a ajude enquanto o menino estiver a olhar para ela. Talvez no jardim de infância seja assim. Talvez seja necessário estar de pé durante todo o dia, a observar os outros meninos, talvez seja um jogo bem engraçado. Dora mal pode esperar que a deixem jogar. E também quer descalçar-se sozinha. “Que é, *Dorice?*”, pergunta a mamã, intrigada. Mas a mamã não percebe. Não sabe que é tudo um jogo novo e engraçado, que o menino está a observá-la e que ela deve ser corajosa, se também quer jogar, e que tem de ficar necessariamente imóvel junto à prateleira dos livros com imagens e, oh, pois, é o que ela vai fazer, em qualquer dos casos. Por isso, abana a cabeça e cala-se. De repente, sente a cabeça tão esponjosa e tão cheia e tão vazia como um balão e quente e leve e trémula e transparente... Fecha os olhos. O pé esquerdo já não tem o sapato. “Que tens tu, *zlato moje?*”, pergunta-lhe a mãe, mais uma vez. Dora olha para ela. A mamã vai possivelmente começar a chorar. *Moja Dorice!*

*

Luka não se mexe. Apoia-se mais à grande prateleira cheia de livros e quase nem respira. Tem medo de que a pasta possa desaparecer, se ele se descontraí e começar a respirar. Olha fixamente para a pasta até os olhos lhe doerem e sentir que vai começar a chorar. Começa a contar: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete... Mas o mundo dissolve-se e tudo desaparece e Luka desliza para o chão. À volta dele nada se mexe. E ele desaparece gradualmente. Como as imagens de um livro cujas páginas ele vai largando uma a uma.

Dora é a primeira a chegar junto do menino desmaiado. Agacha-se, torna-se ainda mais pequena. Abre muito os olhos e o rosto fica muito pálido, parece desaparecer só para dar lugar aos olhos. Baixa a cabeça por cima da cabeça do menino e, antes de as mulheres se ajoelharem e pegarem nas pernas dele, antes que o possam prever ou impedir, Dora beija-o na boca, de um vermelho-vivo. “Dora!”, exclama a mãe, horrorizada. Já não há tempo para diminutivos carinhosos!

Luka ouve uma voz sussurrada junto ao seu rosto: “Tu és a minha Bela Adormecida, és só meu, acorda, meu príncipe, és o meu príncipe, só meu...” Depois chegam-lhe aos ouvidos outras vozes e outras palavras e, estonteado e fraco, abre os olhos...

... e ela vê os olhos dele, que se abrem lentamente, e o seu olhar perturbado e os seus lábios que se movem sem um único som...

... mas ele nada pode dizer, por isso, esboça um sorriso...

... e ela sorri também e...

... ele levanta o braço, hesitante, e estende a mão para o rosto dela, acaricia-lhe o cabelo negro comprido e pergunta a si próprio onde estará a pasta e se agora já conseguiria convencê-la a oferecer-lhe a pasta, para ele se animar e...

... ela sussurra outra vez, suavemente, tão suavemente que só pelo movimento dos lábios se percebe o que diz: “Meu príncipe, só meu.”